



DUAS SEMANAS DE COBERTURA ESPORTIVA DA FOLHA DE SÃO PAULO ANALISADAS SOB A ÓTICA DE GÊNERO.

Juliana Sturmer Soares de Souza

Faculdade de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Jorge Dorfman Knijnik

Faculdade de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Introdução

A história do esporte brasileiro é marcada por uma grande distinção entre as atividades físicas que poderiam ser praticadas por homens e por mulheres, sendo que o maior rol de oportunidades sempre coube aos primeiros. Além disso, algumas leis, tais como a de Rui Barbosa, em 1882, e a de Getúlio Vargas, em 1941, que limitavam a participação das mulheres em alguns tipos de atividade física, visavam adaptar os jovens aos padrões de gênero vigentes na sociedade, deixando claro a expectativa de nossa cultura da superioridade do gênero masculino sobre o feminino e reforçando o pensamento de que o papel da mulher na sociedade era a maternidade (CASTELLANI FILHO, 1997).

As atividades físicas e esportivas destinadas a cada gênero acabam por fornecer um retrato da sociedade, pois, para Castellani Filho (1997), o esporte pode ser tratado como um dos fenômenos culturais mais importantes do mundo contemporâneo. Pode-se dizer que o esporte é uma das formas do ser humano se apropriar do mundo, se relacionar com seus semelhantes e construir sua história.

Na atualidade, o mutualismo em que vivem a mídia e o esporte é total, ambos se alimentando cotidianamente (KNIJNIK, 2003). Os meios de comunicação acompanham de perto tudo que acontece no mundo dos esportes, levando essas informações para um grande número de pessoas (VARGAS, 1995). Ao mesmo tempo, a mídia vende e ganha, e muitas vezes até vive do espetáculo esportivo. Mas a importância da mídia para o



esporte, principalmente da televisão, é tão grande, que muitas vezes federações e atletas adequam os seus horários à grade de programação dos meios de comunicação para buscar mais destaque, aparições e possíveis patrocinadores.

A mídia influencia diretamente a vida das pessoas, podendo até mesmo modificar algumas atitudes e valores. No esporte pode ser considerada ainda mais vital, já que a grande maioria das pessoas só toma contato com eventos esportivos através da mídia (KOIVULA, 1999).

No entanto, ao percorrermos os estudos internacionais sobre a mídia esportiva e o gênero, o que se percebe é que a quase totalidade destes ainda aponta para uma grande desigualdade no trato com que a mídia aborda o esporte masculino e o feminino. Isso destarte os grandes avanços que a mulher teve na sociedade de um modo geral durante o século XX. Desta forma, é fundamental que se analise e se desvele como a imprensa nacional vem tratando os gêneros no esporte brasileiro.

2. GÊNERO

Para analisarmos a questão da diferença entre esportes masculinos e femininos no que tange á cobertura da imprensa, é importante termos claro o conceito de gênero.

Desde o dia que nascemos nosso mundo é moldado pelo gênero. Nossos pais, professores, amigos e técnicos se dirigem a nós como meninos ou meninas. O tratamento diferenciado dado a meninos e meninas é consistente na produção de independência e eficácia nos meninos, e sensibilidade, emotividade e dependência nas meninas. Gênero é uma influência tão persuasiva na sociedade que é muito difícil apontar sua dimensão (GILL, 1994).

Como qualquer outra identidade (étnica, profissional, racial, religiosa, política) as identidades de gênero são historicamente construídas, e muitas vezes se confundem e misturam com as identidades sexuais. A idéia de que somos originalmente divididos em dois sexos começou a ganhar força no século XVIII. Antes disso, a medicina considerava que havia apenas um sexo, o masculino, e a mulher era a representante inferior desse sexo. Sexo tinha como referência os órgãos reprodutores do homem, sendo a mulher descrita como um homem invertido, tudo nela era pra dentro: os ovários eram testículos internos; a vagina, um pênis interior; o útero era o escroto; a vulva, o prepúcio (COSTA, 1995).

Ao final do século XVIII, porém, passou a se exigir a idéia de diferença dos sexos já que os ideais igualitários da revolução democrático-burguesa tinham que justificar a desigualdade entre homens e mulheres, com fundamento numa desigualdade natural. A sexualidade feminina começou a ser definida como original e radicalmente diferente daquela do homem, existindo diferenças quanto a sua habilidade para exercer papéis na vida pública. No final do século XIX e início do século XX, a “diferença dos sexos” era uma idéia compulsoriamente imposta pela realidade biológica humana (COSTA, 1995).

2.1. ESPORTE, GÊNERO E MÍDIA – REPRESENTAÇÕES DESIGUAIS

A construção dos papéis de gênero também passa pelas representações que destes são feitas pelas diversos tipos de meios de comunicação. E, sobretudo no esporte, arena na qual o corpo, muitas vezes depositário da identidade de gênero que é vista pela sociedade, esta questão está colocada. Assim, o quadro que a mídia apresenta tem um papel preponderante para a formação destas identidades e papéis no imaginário da sociedade.

A influência de um ídolo é muito importante para que as pessoas iniciem uma modalidade esportiva. Porém meninas e mulheres têm poucas atletas em quem possam se espelhar, porque apesar das atletas estarem sendo bem-sucedidas nos esportes, suas conquistas têm sido constantemente ignoradas pela mídia. Essa falta de exposição da participação feminina no esporte faz com que a sociedade acredite que este não é importante e não merece atenção (TOOHEY, 1997).

As diferenças que existem no tratamento dado pela mídia aos homens e mulheres que praticam esporte foram estudados em diversos trabalhos (FINK, 1998; KOIVULA, 1999; LENSKYJ, 1998; TOOHEY, 1997); a maior parte mostrando a maneira desigual com que homens e mulheres esportistas são tratados neste contexto. Fink (1998), por exemplo, apontou que apenas 15% de toda cobertura esportiva dos jornais eram sobre atletas mulheres, e ainda que apenas 5% da cobertura televisiva eram de mulheres no esporte.

Essas pesquisas também consideram as possíveis conseqüências que isso pode ter na construção social de gênero e na desigualdade das relações sociais entre mulheres e homens, na estratificação da sociedade pelo gênero, e no crescente aumento do mito que a mulher é passiva e frágil.



A linguagem utilizada na mídia indica uma diferença de tratamento nos esportes praticados por homens e mulheres. Os comentários relacionados com gênero são muito mais comuns para os esportes praticados por mulheres. Os comentários relacionados às mulheres utilizam termos infantis e quase sempre são chamadas pelo primeiro nome, já os homens são tratados com termos adultos e pelo sobrenome. Essa linguagem constrói e legitima a superioridade dos homens no esporte (KOIVULA, 1999).

Segundo Fink (1998) a cobertura esportiva de atletas mulheres costuma focalizar os papéis que a atleta desempenha, como esposa, mãe, ou como modelo de feminilidade, não dando valor as suas conquistas no esporte. Portanto, ao invés de ser um mecanismo de mudança, a mídia perpetua características "apropriadas" de feminilidade.

Uma pesquisa crítica feita por Lenskyj (1998) sobre a mídia esportiva concluiu que o envolvimento de mulheres no esporte é marginalizado e trivializado através de imagens e linguagem distorcidas, se não por total omissão.

As mulheres tiveram que lutar muito para assegurar um espaço no mundo dos esportes, desde o prestígio hierárquico dominado pelos homens, da relativa menor exposição das mulheres esportistas pela mídia, as premiações mais baixas que as atletas de ponta recebem em relação aos homens e a menor participação das mulheres em eventos esportivos como os Jogos Olímpicos, o status dessas mulheres continua sendo marginalizado e inseguro. Ideologias poderosas que questionam a feminilidade e orientação sexual das atletas, continuam a ser mobilizadas contra as atletas até os dias de hoje (DUNNING & MAGUIRE, 1996).

Estudos relacionados a diferentes tipos de publicações e coberturas da mídia revelam que mulheres atletas têm sido pouco representadas (FINK, 1998). As atletas foram totalmente ignoradas em revistas esportivas como: *Sports Illustrated*, *Tennis* e *Runners World* (BRYANT, 1980 em FINK, 1998).

Na pesquisa realizada por Koivula (1999), 86,7% do tempo de cobertura foi destinado a esportes praticados por homens, 11,7% para esportes praticados por mulheres, 1,7% do tempo para esportes envolvendo ambos ou esportes em geral, e os outros 23,1% foram destinados para tópicos como política, Jogos Olímpicos, promoções e informações sobre eventos esportivos, e notícias de esportes em geral.



Desta maneira, com a finalidade de averiguar se também existe esta grande desigualdade na cobertura esportiva de gêneros no esporte brasileiro, o *objetivo deste estudo* foi analisar a cobertura feita pelo jornal *Folha de São Paulo* (26 de agosto de 2002 a 09 de setembro de 2002) de esportes praticados por homens e mulheres, de modo a auferir a quantidade de matérias dedicadas aos gêneros.

Conforme a análise da literatura internacional e os objetivos desta pesquisa, a *hipótese formulada* é a de que o número de reportagens feitas sobre a participação masculina no esporte será maior em relação ao número de reportagens sobre a participação feminina no esporte.

METODOLOGIA

3.1 - Amostra

Serviu como amostra deste estudo o caderno de esportes do jornal *Folha de São Paulo* no período entre 26 de agosto a 09 de setembro de 2002, obtendo um total de 387 reportagens.

3.3 – Instrumentação e tratamento estatístico

Foi verificado o número das reportagens que abordam modalidades masculinas ou femininas. Foram consideradas matérias sobre equipes ou esportes individuais, bem como entrevistas com atletas ou técnicos. Também foram analisadas reportagens não – específicas (ou neutras), que não tratam diretamente de nenhum gênero, mas sim, que falam de homens e mulheres no esporte, ou de assuntos gerais dentro do contexto esportivo (política, Jogos Olímpicos, promoções, informações sobre eventos esportivos, entre outros), por meio de uma análise quantitativa. A análise do número das reportagens foi feita através da análise de porcentagem, utilizando a literatura existente para comparação.

RESULTADOS

Conforme mostra a TABELA 1, foram encontradas no período analisado 387 reportagens no caderno de esportes da *Folha de São Paulo*, sendo que destas o número de 315



Mulheres	5	2	1	6	4	4	2	4	4	3	3	5	3	3	6	55	14,21
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	-------

	26/8	27/8	28/8	29/8	30/8	31/8	1/9	2/9	3/9	4/9	5/9	6/9	7/9	8/9	9/9	total	%
Homens	25	20	23	17	22	17	31	23	16	23	18	13	14	26	27	315	81,39

Neutras	4	1	2	3	1	0	0	0	0	0	0	2	0	4	0	17	4,39
----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

(81,39%) eram sobre homens no esporte, e outras 55 (14,21%) reportagens eram sobre mulheres no esporte. As 17 (4,39%) reportagens restantes eram neutras ou não - específicas.

TABELA 1 – Apresenta o número de reportagens no caderno de esportes da FSP, dividido por gênero.

DISCUSSÃO

Em conformidade com os dados relatados na literatura internacional, esta amostra de 15 dias da cobertura de esportes da *Folha de São Paulo* em 2002, apresentou uma significativa disparidade entre o espaço que este jornal fornece ao esporte masculino (81,39%), contra somente 14,21% do espaço de esportes para as atletas ou modalidades femininas.

Interessante notar que o período analisado coincidiu com uma série de eventos esportivos de grandeza nacional e internacional, sendo que estes, ou eram somente femininos, ou eram para ambos os gêneros – e nestes últimos, a presença feminina era uma constante.

No Brasil, estava sendo disputada a Liga nacional feminina de vôlei; internacionalmente, estavam acontecendo o Mundial da Alemanha de vôlei feminino, as fases finais da WNBA, o Mundial de futebol feminino sub-19; a seleção brasileira feminina de basquete também fazia seus preparativos (treinos, jogos amistosos), em solo europeu, para o Mundial da China da modalidade.

Outros eventos esportivos tanto para homens quanto para mulheres estavam acontecendo no calendário nacional e mundial: em nosso país, ocorria a meia-maratona do Rio de Janeiro, o Torneio da Costa do Sauípe (Bahia) de tênis; pelo mundo, aconteciam, entre



outros eventos, o Aberto dos Estados Unidos de tênis, o Pan-Pacífico de natação, o Mundial por equipes de judô na Suíça.

Mesmo com esta profusão de eventos esportivos para mulheres ou para ambos os gêneros, o maior diário da mídia nacional, em sua sessão de esportes, fez 55 matérias sobre o esporte para mulheres, e 315 reportagens sobre o esporte masculino – uma diferença de cerca de 500%.

Esta disparidade quantitativa com que a mídia, escrita ou televisionada, trata o esporte feminino em face de seu congêneres masculino, é reportada também na literatura científica internacional.

Estudo realizado por Toohey (1997) mostrou que em 1992, na Austrália, o esporte praticado por mulheres recebeu 4,2% de cobertura em jornais, e apenas 2% na cobertura televisiva; outra pesquisa realizada por Urquhart & Crossman (1999), sobre a cobertura do jornal canadense *Globe and Mail* de 16 Olimpíadas de inverno ocorridas entre 1924 e 1992, demonstrou que os esportes praticados por homens receberam uma cobertura de reportagens escritas mais de quatro vezes maior do que os esportes praticados por mulheres.

Estes resultados aqui apresentados demonstram que no Brasil, como em outros países, as mulheres esportistas continuam a serem pouco representadas pela mídia, apesar do crescente número de mulheres participando e sendo bem-sucedidas no esporte. Aliás, esta crescente participação das mulheres no esporte é exemplificada pelos números das próprias Olimpíadas de verão: nas Olimpíadas de Sydney (2000) elas representavam 38% do total de atletas, e menos de 10 anos antes, nas Olimpíadas de Barcelona (1992), eram apenas 28,6% dos atletas (FONTE Super Interessante especial olimpíadas 2000).

CONCLUSÃO

Um dos papéis da mídia é refletir a sociedade e proporcionar voz a ela. No mundo esportivo, sobretudo de alto nível, esta visibilidade que a mídia pode proporcionar é essencial inclusive para a sobrevivência das modalidades e de atletas – quanto maior a exposição, com certeza a atleta trará para si e para a sua modalidade patrocinadores



interessados em investir nela, por meio de patrocínios e auxílios, conseguindo assim manter ou melhorar as suas marcas e resultados atléticos.

Também cabe afirmar que as atletas de alto nível podem representar um estímulo a que novas mulheres, ou mesmo meninas, gostem e se interessem pelo esporte, ou seja, a mídia ajuda a criar símbolos e mesmo heroínas do esporte.

No entanto, o exemplo aqui estudado da Folha de São Paulo mostra que tanto a visibilidade como a criação de mitos esportivos entre as mulheres atletas está comprometida.

Em consequência da pouca cobertura dada as mulheres esportistas, a presença de atletas na mídia como modelos a serem seguidos é minimizada. Sem modelos de esportistas, a possibilidade de identificação e surgimento de novas atletas é dificultada; assim, poucas competidoras resultarão em pouca cobertura dos esportes praticados por mulheres. Esse ciclo vicioso em potencial só será quebrado quando o esporte praticado por mulheres tiver as mesmas oportunidades do esporte praticado por homens, também no que tange a cobertura por parte da imprensa. (URQUHART & CROSSMAN, 1999).

Outro problema decorrente da pouca exposição das atletas na mídia é a própria desvalorização da mulher atleta. Sem aparecer nos jornais e programas esportivos, a atleta acaba por enfrentar diversos obstáculos e dificuldades para se manter ativa no esporte, tais como: falta de patrocinadores, más condições de treinamento, baixos salários que as obrigam a procurarem outras formas de subsistência, dificultando assim o seu progresso atlético.

Esta pesquisa, que analisou somente 15 dias de cobertura esportiva do maior jornal diário do Brasil, comprova por fim que as mulheres ainda sofrem uma série de barreiras quanto a sua real integração no mundo esportivo. O jornalismo esportivo, ao que indicam os dados aqui apresentados, ainda não está sintonizado com a igualdade entre os gêneros tão almejada pela Revolução Feminina do século XX. Assim, cabe a todos que lutam para que esta igualdade aconteça também no campo esportivo, trabalhar para que isto se torne realidade – e este estudo, ao mostrar o quanto ainda estamos distantes da propalada igualdade, é uma pequena amostra do quanto o caminho desta precisa ser construído.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, S. Comunicação, movimento e mídia na Ed. Física: uma concepção. In: Comunicação, movimento e mídia na Educação Física. org. Carvalho, S. Santa Maria, 1996. v.3, pp. 101 a 111.
- CASTELLANI FILHO, L. Esporte e Mulher. In: Esporte e Jornalismo. org: Tambucci, P.;Oliveira, J.; Coelho Sobrinho, J. São Paulo, 1997. pp. 91 a 100.
- COSTA, J. A construção cultural da diferença dos sexos. Sexualidade, gênero e sociedade. a . 2, n.3, pp. 3 a 8, 1995.
- DUNNING, E. & MAGUIRE, J. Process-sociological notes on sport, gender relations and violence control. International Review for the Sociology of Sport. v.31, n.3, pp. 296 a 321, 1996.
- FINK, J. Female Athletes and the Media: Strides and Stalemates. Journal of Physical Education, Recreation and Dance. v.69, n.6, pp.37 a 40, 1998.
- GILL, D. A feminist perspective on sport psychology practice. The Sport Psychologist. v. 8, pp. 411 a 426, 1994.
- KNIJNIK, J. D. O significado do esporte moderno e as diferenças conceituais entre brincadeira, jogo e esporte de competição. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1 (2), 2003. (no prelo).
- KOIVULA, N. Gender Stereotyping in Televised Media Sport Coverage. Sex Roles. v. 41, n. 7/8, 1999.
- LENSKYJ, H. "Inside Sport" or "On the Margins"? Australian Women and the Sport Media. International Review for the Sociology of Sport. v.33, n.1, pp.19 a 32, 1998.
- TOOHEY, K. Australian Television, Gender and the Olympic Games. International Review for the Sociology of Sport. v. 32, n.1, pp. 19 a 29, 1997.



URQUHART, J. & CROSSMAN, J. The Globe and Mail coverage of the winter Olympic games: a cold place for women athletes. Journal of Sport & Social Issues. V. 23, n. 2, pp. 193 a 202, 1999.

VARGAS, A. L. Desporto e TV: a recordista de audiência. Desporto: Fenômeno Social. Rio de Janeiro: Sprint, 1995. cap.8, pp. 71 a 76.